



Trabalhos Científicos

Título: Crescente Incidência De Casos De Coqueluche Em Hospital Pediátrico (rn)

Autores: ANA LEONOR ARIBALDO DE MEDEIROS (UNP); MARIA GORETTI LINS MONTEIRO (HIVS); AGUEDA MARIA TRINDADE GERMANO (HIVS); MARIA DA PENHA CAVALCANTE RAMALHO PAIVA (HIVS); SAMARA CÂMARA DE MEDEIROS (UNP); ANDRÉ HENRIQUE D'OLIVEIRA SOLINO (UNP); SUIANNY KARLA DE OLIVEIRA MACEDO (UNP); MYRLA CELENE OLIVEIRA DE MACEDO (UNP)

Resumo: INTRODUÇÃO: Dados do Ministério da Saúde, em 2012 houve aumento dos casos de coqueluche no Brasil, totalizando 4.453 casos. No Rio Grande do Norte, foram 116. OBJETIVO: Avaliar incidência e correlacionar com vacinação, pacientes internados com coqueluche. MÉTODOS: Estudo observacional e descritivo. Casos notificados e/ou confirmados de coqueluche, do núcleo de epidemiologia do serviço de 2010 a 2012, sendo analisados apenas 2012. RESULTADOS: Um crescente: 2010, 10; 2011, 30 e 2012, 89. Maior prevalência de 2011: dezembro (35,4%), novembro (16,1%). Janeiro a julho de 2012 = 51 internações. Foram incluídas as 85 crianças de 2012, de 22 dias a 4 anos, média 3 meses. Idade: 3,6% = menores de 23 dias de vida; 21,2% = 1 mês; 14,1% = 2 meses; 23,5% = 3 meses; 9,4% = 4 meses; 15,2% = 5 meses; 2,4% = 6 meses; 2,4% = 7 meses; 3,6% = 8 meses; 3,6% = 10 meses e 1,1% = 4 anos. 11,7% ocorreram em janeiro, 8,2% fevereiro, 5,9% março, 7,1% abril, 5,9% maio, 7,1% junho, 14,1% julho, 7,1% agosto, 12,9% setembro, 9,4% outubro, 7,1% novembro e 3,5% dezembro. Maior prevalência: julho e setembro. Vacinação: dos 85, 24,9% sem vacina; 36% tinham apenas uma dose; 22,7% duas doses e 18,4% tinha vacinação completa. Apenas 2 a cultura foi positiva: Bordetella pertussis, via swab nasal. CONCLUSÃO: Observamos um crescimento nos casos de coqueluche: 2011 obtivemos 30 e em 7 meses de 2012 já foram notificados 51; afetou mais os menores de um ano, mais prevalente de 1 a 3 meses. Baseado nessas conclusões, acreditamos que esse aumento vincule-se à doença em adultos e adolescentes, pela diminuição da imunidade vacinal ao longo dos anos. Assim, a bactéria na comunidade acabaria acometendo as crianças pequenas não imunizadas ou com esquema vacinal incompleto.